

A ARQUITETA DESSAS ARMADILHAS: HILDA HILST E A TAREFA DE ESCREVER CRÔNICAS

LUCIANA D'ÁVILA DA SILVA (autora)¹;
LUCIANA PAIVA CORONEL (orientadora)²

¹Universidade Federal do Rio Grande – lucianaavila.furg@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – lu.paiva.coronel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um capítulo do projeto de dissertação em desenvolvimento dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, junto ao Mestrado em História da Literatura (FURG). A produção em andamento analisa algumas crônicas da paulistana Hilda Hilst (1930-2004), em que a mesma recorre à metatextualidade para aproximar o leitor do seu fazer poético. Foram analisadas seis crônicas da autora, que foram publicadas no *caderno C*, do jornal *Correio Popular* de Campinas; que anos mais tarde, seriam reunidas no livro *Cascos e carícias* (1998).

Como aporte teórico para as análises foram utilizados as concepções de Gérard Genette (1987); Roland Barthes (1970), Wellington Santos (1995) no diz respeito as relações de diálogo que a literatura mantém consigo mesma. Com relação a figura singular de Hilst, foram desenvolvidas as leituras de Alcir Pécora (2010), Cristiano Diniz (2013).

2. METODOLOGIA

Com a organização da fortuna crítica sobre as obras e os materiais que citam Hilda Hilst, percebi que as crônicas ainda estavam sendo pouco trabalhadas, uma das hipóteses possíveis para o fato, deve-se a falta de reconhecimento do gênero, estando sempre à margem das grandes histórias literárias nacionais. Dessa forma, optei pela análise das crônicas da autora.

O material utilizado é o livro *Cascos & carícias & outras crônicas* (HILST, 2007), que reúne as crônicas de Hilda Hilst, publicadas entre os anos 1992 e 1995, no *Caderno C* do jornal *Correio Popular*, da cidade Campinas; analiso alguns textos da autora retirados desta publicação, que refletem sobre a metatextualidade.

O critério utilizado na escolha das crônicas deve-se a presença da metatextualidade nas produções. O corpus traz os seguintes textos, “O quanto a vida é líquida”; “Foi atingido?”; “Cronista: filho de Cronos com Ishtar”; “Dentro de mim, ‘sagrado descontentamento’”; “A vida? Essa monstruosidade de irrealidades”; “Por que será que eu tô falando nisso?”; e por último “O arquiteto dessas armadilhas”, que faço a alusão no título do meu trabalho, em todas as crônicas elencadas acima, Hilst faz um exercício metatextual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crônicas de Hilda Hilst foram publicadas no período de três anos (1992 a 1995), inicialmente as segundas-feiras, porém em setembro de 1993, passaram a ser publicadas na edição de domingo do no jornal *Correio Popular* de

Campinas, mudança essa que trouxe maior visibilidade para a produção da autora.

No ano de 1998, foi lançado pela editora Nankin, o livro *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995)*, reunindo todas as crônicas da autora publicadas no jornal paulistano. No ano 2000 o livro teve uma segunda edição pela mesma editora. Já no ano 2001, a Editora Globo passa a ser responsável pela publicação de todas as obras da autora. No ano de 2007, são publicadas novamente as crônicas de Hilda e acrescentadas mais algumas produções, agora a obra teve o título alterado, sendo chamada de *Cascos e carícias e outras crônicas*.

No *corpus* analisado, podemos notar o cuidado de Hilst na escrita de suas crônicas, já que a mesma tinha como hábito a produção de peças teatrais, romances e poesias. Segundo a autora: “A crônica é um martírio para mim, porque de alguma forma tem que se aproximar de um texto ‘arrumadinho’ (...)” (HILST, 2007, p.189), esse gênero exigiu uma nova forma de organizar a sua construção poética. O narrador faz uma “reflexão sobre a arte, elaborada na própria estrutura do objeto artístico” (SANTOS, 1995, p. 587), o que podemos nomear como metatextualidade, pois o texto diálogo sobre a sua própria organização.

Escrever crônicas tornou-se um meio de comunicação, entre a escritora e os leitores; visto que Hilst mantinha um grande ressentimento por não ter sido amplamente lida no cenário literário nacional, a autora resgata suas demais construções, vejamos “Uma das coisas que eu mais admiro em alguém é o humor. Nada a ver com a boçalidade. Alguns me pedem crônicas sérias. Gente...o que fui de séria nos meus textos nestes quarenta e três anos de escritora! (...)” (HILST, 2007, p. 116). Nessa passagem Hilst retoma alguns pontos importantes, enquanto profissional das letras, pois durante muitos anos a mesma seguiu a escrita séria, porém não alcançou o êxito desejado, empreendendo para os caminhos da escrita obscena.

Nas crônicas, percebemos que a autora demonstra certa preocupação em versar sobre o cotidiano de uma maneira diferente “(...) Falemos por parábolas e, ao invés de comentar sordidezes (...)Então lhes pergunto: leitores, leitores meus, haverá texto mais belo do que o meu?(...) Eis aí minha parábola, beleza da minha língua portuguesa.”(HILST, 2007, p. 126-127), ela estabelece uma comunicação com o leitor, como se o mesmo pudesse participar da sua escrita. Na crônica o autor dialoga com os leitores, pois segundo Sá “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem.” (Sá, 1987, p. 09)

Barthes considera que a literatura tem a capacidade de voltar-se para si mesma sempre que necessário, descobrindo-se “ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura” (BARTHES, 1970, p. 28). Hilst reflete sobre o fato quando diz que: “(...) Um poema não se explica. É como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda vida. (...)” (HILST, 2007, p. 90). A autora revela o quanto a literatura tem o poder, de estar sempre se resignificando e reorganizando, o que torna a produção poética inesgotável.

Vivendo quase que a margem da sociedade editorial, a autora viu no convite para integrar o periódico paulistano, uma possibilidade efetiva de aproximação com o público. Na construção da crônica hilstiana compartilhamos as angústias do ser poeta “Ando procurando um mecenas (...) Um amigo meu, muito rico diz que artista não precisa de dinheiro, que quanto mais pobre, melhor a obra. Verdade, logo se matam. A obra fica. (...)” (HILST, 2007, p. 120).

As temáticas das crônicas variavam segundo a subjetividade da autora, porém podemos percebermos o predomínio das produções que privilegiam o diálogo da autora tanto com texto escrito (metatextualidade), quanto as suas demais obras (intertextualidade).

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho tem como objetivo igualmente divulgar a voz autoral de Hilda Hilst, já que a escritora é pouco mencionada nos meios sociais, e também na academia. Quando pensamos em vozes femininas da literatura brasileira, os nomes mencionados são quase sempre os mesmos, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, etc.; porém Hilda Hilst é pouco (ou nunca) mencionada. Entre os muitos argumentos, deve-se ao fato de a autora ter circulado somente pelo sudeste do país, porém isso é um engodo. Quantos autores ficam restritos a sua região, e as vozes ecoam pelo Brasil?

Acredito que Hilst não tem sido mencionada, por ter quebrado com os paradigmas tradicionais da literatura brasileira. A autora se autointitula a “velhinha obscena”, e todos pensam que a mesma enlouqueceu, como a própria fala em uma de suas entrevistas. O caráter desafiador de Hilda ao tocar em assuntos considerados tabus, manteve a autora afastada do cenário literário brasileiro.

Além disso, o presente trabalho visa contribuir para a discussão da crônica enquanto gênero literário, já que durante muito tempo, a mesma esteve sempre distante das grandes historiografias literárias brasileiras, pois como mencionado anteriormente, visto como construção menor, a crônica não teve o devido valor que o romance, a poesia, as peças teatrais, apresentam no cenário das letras. Para Antonio Candido, a crônica pode ser considerada um gênero menor, não de maneira pejorativa, mas porque não adquiriu um prestígio maior assim como demais gêneros, e diz: “ Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós” (Candido, 1992, p.13).

O fato das crônicas circularem nos jornais, e atualmente também na internet, atribuiu a ela um caráter marginal, já que foram escritas para entreter diariamente o leitor. A crônica seria o lado mais crítico e cômico da notícia jornalística, mas como temos acompanhada, ela deixou de ter essa função há muito tempo, agora é um construção autônoma, adquiriu a sua própria voz, enquanto gênero.

Cabe salientar que a pesquisa está em andamento, dessa forma, os resultados aqui apresentados são parciais. Visto que, o trabalho é parte integrante um projeto de dissertação de mestrado; cujas discussões serão aprofundadas com o decorrer dos estudos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

DINIZ, Cristiano (org.). **Fico besta quando me entendem**: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

GENETTE, Gérard. **Introdução ao architexto**. Lisboa: Veja Universidade, 1987.

HILST, Hilda. **Cascos & carícias**: crônicas reunidas (1992-1995). São Paulo: Nankin Editorial, 1998.

_____. **Cascos & carícias & outras crônicas**. São Paulo: Globo, 2007.

PÉCORA, Alcir (org). **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

Resumo de Evento

SANTOS, Wellington de Almeida. Considerações metodológicas sobre metanarrativa. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL**, IX, João Pessoa, 1995. Anais, João Pessoa: ANPOLL, 1995, pp. 587-90.

|